

“Amazônida, Caboco Regional, Cunhã e Cunhatã”: As Múltiplas Identidades de Rondônia Expressadas no Rap de Rodrigão¹

Francisco Gabriel Moreira da Silva²
Francisco Carlos Guerra de Mendonça Júnior³;
Universidade Federal de Rondônia.

RESUMO

Este trabalho apresenta um recorte biográfico do rapper Rodrigo Lopes, de Porto Velho (RO), com base no documentário póstumo *Estilo RDG*, dirigido pela rapper Negra Mari. Rodrigo atuou como agente folkcomunicação em Rondônia, utilizando a música rap como ferramenta de divulgação de suas ideias. Essa perspectiva parte da teoria da folkcomunicação de Luis Beltrão. Em um entrelaçamento entre a Análise do Discurso de Michel Pêcheux e os estudos culturais de Stuart Hall, observa-se a luta do rapper Rodrigão para reconhecimento das identidades locais, que recorrentemente são subalternizadas.

PALAVRAS-CHAVE: Rodrigão; Identidade; Hip hop; Cultura; Rondônia.

1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho propõe uma reflexão sobre as articulações entre cultura, identidade e resistência por meio da análise do documentário *Estilo RDG* (MARI, 2022), que homenageia o rapper e ativista cultural rondoniense Rodrigo Lopes, o Rodrigão. O filme apresenta relatos de pessoas impactadas por sua trajetória no hip hop amazônico, destacando sua atuação enquanto artista, educador e agente social. A obra se insere no contexto das produções culturais periféricas que reivindicam visibilidade por meio de práticas artísticas engajadas politicamente e localmente situadas.

A análise parte da compreensão do hip hop como um movimento global que incorpora todas as camadas da sociedade, e, ao chegar à Amazônia, passa por processos de ressignificação e hibridização. Nesse processo, elementos regionais, indígenas e

¹ Trabalho apresentado no Grupo de Trabalho Folkcomunicação, Mídia, Cultura Popular e Cultura Underground, evento integrante da programação do 22º Congresso de Ciências da Comunicação da Região Norte, realizado de 28 a 30 de maio de 2025.

² Mestrando pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação (PPGCOM) da Universidade Federal de Rondônia (UNIR), email: moreiragabrielug@gmail.com.

³ Doutor em Ciências da Comunicação pela Universidade de Coimbra, Professor do curso de Jornalismo e do Mestrado em Comunicação da Universidade Federal de Rondônia. Coordenador do grupo de extensão e pesquisa BARRAS - Bloco de Ações em Rap, Rádio e Ausências Sonoras. E-mail: carlos.guerra@unir.br.

ribeirinhos são incorporados à estética musical e visual de Rodrigão, o que evidencia disputas simbólicas em torno da representação de sujeitos periféricos. A performance identitária do artista é observada a partir de sua produção musical e da recepção das pessoas que com ele conviveram, tal como documentado na obra audiovisual.

Para tanto, a pesquisa adota uma abordagem qualitativa, com base na Análise de Discurso de orientação pecheutiana a partir da leitura de Eni Orlandi (1999), articulada aos estudos culturais de Stuart Hall (2003; 2006) e ao conceito de hibridização cultural de Néstor García Canclini (2015), e também, sob a perspectivas da teoria da folkcomunicação de Luis Beltrão. O objetivo é compreender como o discurso de Rodrigão se constitui como prática ideológica, revelando estratégias de resistência e afirmação identitária em um cenário marcado por desigualdades estruturais e exclusões históricas na cultura brasileira.

2 METODOLOGIA

A presente pesquisa adota uma abordagem qualitativa, de caráter interpretativo e exploratório, fundamentada na análise de discursos e representações culturais presentes no documentário *Estilo RDG* (MARI, 2022). A opção por essa metodologia justifica-se por ser necessário compreender os significados simbólicos que emergem da narrativa audiovisual, das falas dos entrevistados e da produção musical de Rodrigão. O corpus é composto pelo próprio documentário, com destaque para entrevistas, imagens e trilha sonora, priorizando a análise da performance identitária de Rodrigo, os sentidos atribuídos à cultura hip hop amazônica e suas articulações com práticas de resistência.

Para a condução da análise, compreendemos a teoria folkcomunicacional de Beltrão como um norteador da pesquisa uma vez que essa manifestação cultural encontra-se fora das grandes mídias, e Rodrigão traz ideias do âmbito popular que são contra-hegemônicas. Ainda, utiliza-se o referencial da Análise de Discurso de orientação pecheutiana, conforme proposta por Michel Pêcheux e desenvolvida por Eni Orlandi (1999). Esse método permite examinar os efeitos de sentido produzidos pelos sujeitos discursivos a partir de suas posições ideológicas e sócio-históricas, compreendendo o discurso como lugar de disputa simbólica onde se articulam linguagem, poder e subjetividade. A análise discursiva é complementada pelas contribuições de Stuart Hall (2003; 2006), especialmente no que se refere à construção

identitária, vista como processo dinâmico, atravessado por relações de poder e por mediações simbólicas que estruturam a representação dos sujeitos sociais.

Adicionalmente, incorpora-se à análise o conceito de hibridização cultural de Néstor García Canclini (2015), a fim de compreender como o hip hop — enquanto manifestação cultural global — é apropriado e ressignificado no contexto amazônico de Rondônia. Através das práticas e discursos de Rodrigo Lopes, observa-se um processo de reconfiguração estética e política do movimento hip hop, em que elementos da cultura local, indígena e ribeirinha são integrados à produção artística como forma de afirmação identitária e enfrentamento das narrativas hegemônicas que tradicionalmente excluem sujeitos periféricos dos espaços de representação cultural.

3 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

O hip hop, oriundo das periferias dos Estados Unidos, ultrapassou fronteiras e consolidou-se como ferramenta político-social em diversas partes do mundo, inclusive em Rondônia. A partir dele, surge o rap, que passa a ser uma ferramenta folkcomunicacional, por utilizar meios próprios para trazer as pautas dos povos subalternizados. Nesse sentido, entendemos a partir dos estudos de Luis Beltrão sobre a folkcomunicação que Rodrigão exerce um papel de agente folkcomunicacional por representar e dar voz às pessoas marginalizadas, seja em suas músicas, seja em suas ações sociais através do hip-hop. Além disso, denuncia questões sociais como racismo, pobreza e violência policial. O hip hop é um estilo de vida, mobilizando sujeitos periféricos em torno de uma linguagem artística engajada. Trícia Rose diz que o hip hop nasce como uma tentativa de criar “identidades alternativas” e que essas “se forjaram localmente em estilos e linguagem, nomes de ruas e, o mais importante, no estabelecimento de equipes ou posses de bairro.” (ROSE, p. 58).

Por outro lado, segundo Stuart Hall (2003), as identidades culturais são moldadas em meio às disputas simbólicas e às narrativas hegemônicas impostas pelo colonialismo. Essas narrativas, reproduzidas pelos meios de comunicação e pela indústria cultural, tendem a invisibilizar grupos historicamente marginalizados.

No documentário *Estilo RDG*, Rodrigão ressalta a importância de inserir referências locais no hip hop, como a indumentária indígena, buscando construir identidades como “cabocla” e “índio urbano”. Essa prática ilustra o conceito de

identidade como construção dinâmica e situada, conforme Hall (2006), sendo atravessada por relações de poder e pela luta por visibilidade cultural. Nesse sentido, a atuação de Rodrigão representa uma tentativa de ocupar simbolicamente espaços antes negados à periferia, por meio de uma arte que valoriza e preserva formas locais de existência.

4 ANÁLISE

O documentário *Estilo RDG*, dirigido por Negra Mari, presta homenagem ao ativista cultural Rodrigo Lopes, o Rodrigão, personagem do hip hop de Porto Velho (RO), falecido em 2021. A obra reúne entrevistas com amigos, familiares e pessoas em situação de vulnerabilidade social que foram impactadas por sua atuação como ativista social. Exibido durante o “Bera Rap Festival”, realizado em 2022, de modo virtual, devido à pandemia, o documentário visava fomentar a cultura local em um momento de crise para os trabalhadores da arte.

A produção inicia com uma fala de Rodrigo sobre o Movimento Hip Hop Floresta (MHF), do qual foi cofundador. O MHF é um movimento político e cultural, iniciado em 2003, que busca apresentar conexões entre o hip hop e as questões amazônicas, como foco na preservação da floresta e na valorização das pautas indígenas. O filme se desenvolve com os relatos dos entrevistados, encerrando com imagens do artista ao som de “Quando o pai se vai” (2009), de GOG. A música de GOG relata a perda de referência com a morte de um pai na família e pode ser interpretada no contexto do documentário como um reconhecimento ao papel de liderança de Rodrigão no hip hop de Porto Velho.

A escassez de registros fonográficos e audiovisuais de sua trajetória cultural, sobretudo entre o fim da década de 2000 e o início de 2010, dificulta uma documentação mais robusta de sua atuação, revelando também a ausência de apoio público à produção cultural periférica no período.

Rodrigo iniciou sua trajetória no hip hop em 1999 e, além de artista, atuou como assistente social e professor de artes marciais. Ele participou do grupo “Atitude Central”. Esse grupo passou a integrar o coletivo “Família Atitude Central (FAC)”, que também foi incorporado o “Ideologia Feminina”, liderado pela sua então esposa Sandra Braids. Em depoimento no documentário, o artista diz que “naquela época o hip hop

era bem unido, e trabalhava-se com uma questão de politização dos jovens [...] era conferência das cidades”, destacando o engajamento do casal em pautas como o combate ao trabalho infantil e à vulnerabilidade social.

Do ponto de vista teórico, a análise parte da Análise de Discurso pecheutiana, em que o autor afirma não haver sujeito discursivo que não seja ideológico (ORLANDI, 1999).. Assim, os discursos de Rodrigo, enquanto sujeito periférico e ativista, são compreendidos como práticas ideológicas, inseridas nas disputas simbólicas da sociedade. Sua música, mesmo com poucos registros, evidencia essas disputas. No documentário, aos 17 minutos, ele canta: “Amazônida / Caboco regional / Cunhã e Cunhatã [...] mesa farta é de boa” (RODRIGÃO, 2009), articulando referências regionais, ribeirinhas e indígenas em uma estética própria.

Esses versos reforçam a construção de uma identidade amazônica e periférica, evidenciando temas como pertencimento, desigualdade social e resistência cultural. Ao cantar “vejo nascer esperança nos filhos de Maria”, Rodrigo oferece uma visão esperançosa frente às dificuldades sociais, como a busca pela dignidade básica. A escolha da diretora em destacar esse trecho na montagem, mesmo com poucas imagens ilustrativas durante os relatos, reforça a coerência entre as falas dos entrevistados e o discurso artístico de Rodrigão. O documentário, assim, legitima o papel do artista como agente de transformação e preservação das identidades marginalizadas.

5 CONCLUSÃO

A análise do documentário Estilo RDG evidencia como Rodrigão, por meio de sua trajetória no hip hop amazônico, utilizou a arte como instrumento de resistência, construção identitária e transformação social. Essa atuação engloba ações educativas, sociais e políticas que marcaram profundamente a cultura periférica de Porto Velho. O documentário dirigido por Negra Mari, ao reunir vozes que conviveram com o artista, reforça a importância de sua figura na promoção da visibilidade de sujeitos historicamente marginalizados.

Por meio da articulação entre Análise de Discurso e os Estudos Culturais, foi possível compreender como os discursos de Rodrigão integram práticas simbólicas e ideológicas que reposicionam sujeitos periféricos em espaços de representação. Sua música incorpora elementos locais, indígenas e ribeirinhos, reafirmando identidades

amazônicas e desafiando as narrativas hegemônicas que excluem essas subjetividades da cultura dominante.

Assim, a contribuição de Rodrigo Lopes para a cena cultural amazônica não se limita à sua obra artística, mas se estende ao modo como ele compreendeu e praticou o hip hop como ferramenta política e pedagógica. Seu legado, eternizado no documentário, revela o poder da cultura popular como forma de enfrentamento das desigualdades e como espaço de criação de pertencimento, memória e esperança para as juventudes da periferia.

REFERÊNCIAS

BELTRÃO, L. Folkcomunicação: A comunicação dos marginalizados. São Paulo: Cortez, 1980.

CANCLINI, Néstor Garcia. **Culturas Híbridas: Estratégias para Entrar e Sair da Modernidade**. Tradução Heloísa Pezza Cintrão, Ana Regina Lessa; tradução da introdução Gênese Andrade. - 4. ed. 7. reimp. São Paulo: Editora Universidade de São Paulo. 2015.

HALL, Stuart. **Da diáspora: identidades e mediações culturais**. Organização Liv Sovik. Tradução Adelaine La Guadia Resende. Belo Horizonte. Editora UFMG; Brasília: Representação UNESCO. Brasil, 2003.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro. 11. ed. Rio de Janeiro. DP&A. 2006.

MARI, Negra. **Estilo RDG - homenagem**. YOUTUBE, 17 de abr. de 2022. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=LZy9OPYM0pg>. Acesso em 05 de jun. de 2024.

ORLANDI, Eni P. **Análise de discurso: princípios e procedimentos**. Campinas: Pontes. 1999.

ROSE, Tricia. **Barulho de preto: rap e cultura negra nos Estados Unidos contemporâneos**. Tradução Daniela Oliveira e Jaqueline Lima Santos. Ed. 1. Perspectiva. 2021.